

O pintor Pancetti

Carlos Drummond de Andrade numa excelente crônica sobre José Pancetti definiu-o não como pintor de mar – símbolo de força e violência – e sim, mais acertadamente, como pintor de água e de remansos. Agora acrescento que as águas pintadas por Pancetti, embora tenham sido sempre calmas e tranqüilas, nunca foram, por exemplo, da natureza daquelas que constituem um tema favorito na cinegrafia de Jean Renoir, e contribuem para o ritmo fluvial de muitas das imagens deste cineasta. Apesar de pintor de águas serenas, o ritmo da pintura pancettiana não é fluvial, e nem mesmo poderemos chamá-lo de fluidal, considerando o primeiro como um sub-ritmo deste último, que, há bastante tempo descoberto na linha e na textura de certos artistas, deve ter se originado da estrutura micrográfica fluidal de certas rochas.

As águas pintadas por Pancetti são marítimas, revelam que foram antes revoltas e violentas, e depois se remansaram no recôncavo das baías; são águas sem dono, livres, libertas, sem a fluência dirigida da água corrente, ou a podre limitação pantanosa dos paúis. São águas que se agitam em espaços imensos, monótonos e difíceis, mas apesar disso não menos amados e atraentes. São águas contidas em espaços profundos, e o pintor transmite a essência dessa profundidade num colorido surdo, num tecido de cores arenosas e abissais, pois – é preciso que se diga – o pintor procura alcançar a intimidade dessas águas, penetrar no abismo da sua transparência, atingir o leito arenoso em que descansam. Pode-se mesmo associar à variedade atomística das suas cores um movimento browniano de matizes perturbado pela influência do campo colorido do chão submarino.

Pintor de água, Pancetti tomou para motivo da sua arte talvez o mais legítimo suporte de sonho, ou melhor, de devaneio cotidiano, presente em todos os espíritos, mesmo os mais revestidos de utilidade imediata e de atividade prática. Da água já se disse que era o pêndulo do mundo, balança simbólica em que comparecem e se comparam a imaginação e a fantasia, relógio de um tempo sempre futuro e esperado.

Suporte do sonho... José Pancetti, marinheiro de profissão, nos seus longos dias de navegação, era sobre as águas que mantinha os seus olhos, e da mobilidade delas e da sua extensão é que lhe vinham aquele apoio interior, como um solo, um caminho para o seu devaneio, para a divagação do seu espírito nas regiões mais sutis da memória, da esperança e da saudade.

Suporte para o seu devaneio foram também as areias, que, como as águas, possuem a capacidade de se mover, e nessa mobilidade têm uma força de aderência e de sustentação como a das águas; Pancetti pintou também as areias, as areias das dunas das praias baianas, e foram elas talvez, com as suas cores de valor, ou claras de saturação, que lhe deram esse sentido quase místico da paisagem, e essa nota de isolamento e solidão que transparece nos seus quadros.

Há um calor nas areias de Pancetti, um sopro de vaporizações tropicais na claridade e na tranqüilidade, no equilíbrio de tudo!

Foi para melhor pintar as areias, a riqueza extraordinária das suas cores arenosas, que o artista, ao contrário de quase todos os marinistas, coloca muito alto o seu horizonte, abandonando aquele efeito já agora clássico da grande arqueadura do céu sobre o mar em luminescências e irisações comoventes. Nos seus quadros aparecem mesmo mais de um horizonte: horizonte entre duas zonas de areia, entre a orla da praia e o mar, entre o mar e o céu. E como um só horizonte é símbolo de fuga e de evasão, vários representam retorno, reconciliação e repouso: tudo na pintura de Pancetti é reconciliação com as paisagens do mundo, repouso na adesão e na simplicidade da sua vida. Como ênfase para essa sua necessidade de pacificação e de retorno

é que ele escolheu o mar – cenário o mais dramático da paisagem – como tema central da sua arte.

Pancetti encontrou assim na pintura o seu refúgio, a sua casa, a sua verdadeira habitação; marinheiro, para quem o navio não podia ser um abrigo completo, para quem as viagens seriam imagens de inconstância, divagações, perdas de memória, construiu com elementos do seu espírito um palácio encantado em que viveu. E era um abrigo profundamente limitado pelas fronteiras do seu ser, da sua consciência produtora, da sua capacidade de imaginação.

A pintura para Pancetti foi o seu domicílio absoluto, construído com as suas próprias mãos, de água, de areia e de horizontes, substâncias de dimensões longínquas e perdidas, mas por ele limitadas à região do seu ser e da sua alma; região da qual nunca se afastou, realizando esta coisa já hoje rara que é a solidariedade entre o ser e o agir, entre o ser e o continuar.

Ele foi dos que muito cedo perderam a cegueira de nascença, dos que muito cedo se iluminaram da luz e da verdade de si mesmo, recebendo nos olhos e no coração o barro e a saliva, e depois, nos arredores de Jerusalém, se banharam nas águas da fonte de Siloé.

1958